

Leitura Ampliada Pelo Audiovisual: A Prática do *Booktrailer* No Cotidiano Dos Jovens¹

Raquel TIMPONI²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo:

O artigo pretende apresentar um conceito de leitura e textualidade para além das formas convencionais, com o objetivo de trazer o estudo de caso de uma oficina de produção de trailers de livros, aplicada em uma parceria entre a escola e a universidade, no segundo semestre de 2013. Para isso, como fundamento teórico, primeiro é apresentado um conceito amplo de leitura, espécie de híbrido que envolve várias mídias, promove a explosão de gêneros e classificações narrativas. Em seguida, é realizado um levantamento dos “atos de leitura” de Ricoeur e da decodificação da mensagem do texto pelo jovem nos processos de emissão, representação e recepção. O produto *booktrailer*, aparece como uma das opções para aproximar o jovem da leitura pela gramática do audiovisual já automatizada em seu cotidiano.

Palavras-chave: Educação; Leitura; *Booktrailer*; Narrativa.

1. Introdução: um conceito ampliado de leitura

Na atualidade, emergem questões relacionadas aos modos de leitura, afetados pela mídia e tecnologia na cultura digital, o que ocasiona um aumento da rapidez do acesso à informação. Nesse cenário, os jovens da nova geração, educados sob a luz das mídias entre as telas do computador de funcionalidades simultâneas, parecem sinalizar o aprendizado de um modelo de leitura mais fragmentado. Assim, é necessário investigar como se estabelecem novos modos de ler e, de que maneira, modificam as relações socioculturais e os atos de leitura.

Há um desafio de se pensar no conceito de leitura/texto que parece ter se ampliado na contemporaneidade, devido às influências da cultura das mídias digitais nos processos de atividades e práticas do cotidiano.

Ao longo da história, diversas perspectivas teóricas, como a Semiologia, o Estruturalismo, o Formalismo Russo, a Linguística e a Semiótica, se ocuparam da tentativa de classificação dos tipos possíveis de texto narrativo e em estabelecer normas linguísticas³

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Mídias e Mediações Socioculturais pela ECO/UFRJ. Professora de Jornalismo do UBM e da Universidade Veiga de Almeida/ RJ. Pesquisadora do Nepcom (UFRJ) e do Cibercog (UERJ), e-mail: raquel.timponi@gmail.com

³ São exemplos: a narratologia de Gérard Genette, a estrutura linguística (semântica), o discurso (Greimas) ou a significação (teoria mimética de Paul Ricoeur), a linguística, de Benveniste, e os estruturalistas Roland Barthes (1966) e Tristan Todorov (1971). Os estruturalistas seguirão uma estrutura que privilegia ou o eixo sintagmático (morfologia de

para seus discursos. Entretanto, assim como a língua se modifica ao longo do tempo (há a transformação da gramática pelo uso), os gêneros narrativos e outras características técnicas se modificam a cada época, já que as regras são regidas de acordo com a sociedade e sua cultura.

Dessa forma, abre-se espaço para a criação de sistemas secundários, que alteram as características iniciais e promovem uma nova articulação da linguagem e do texto para além das catalogações dos tipos narrativos em uma gramática. Esse é o espaço da literatura, por exemplo, que apesar do vínculo inicial com o significado, apresenta uma linguagem que cresce sem começo e sem fins preestabelecidos; em ruptura com a ordem e com a razão.

Diversas teorias almejam formalizar os processos de transposição das regras e códigos linguísticos. Foucault (1966), em “As palavras e as coisas”, explica que isso se deve à cultura Ocidental, que tem por hábito estabelecer classificações por analogias, similitudes ou identidades, na tentativa de dominar a incerteza, obter o controle das ideias. Assim, enquanto a tradição do Ocidente cria regras e ordem, a literatura, ao contrário, não se rende, escapa, transborda a ordem, abre uma “fenda no guarda-chuva” deleuziano que representa as regras, conceitos, dualismos e fórmulas exatas e protege contra o imprevisível, o desconhecido, as ambiguidades e paradoxos, o inacabamento, a fluidez, o labirinto, o devir. Esse é o espaço que a leitura e as formas de textualidade contemporânea parecem ter assumido em uma lógica que engloba novas mídias, linguagens como leitura.

Assim, com a provável desmaterialização do texto em seu formado híbrido de diversas mídias que assume, não se pretende adotar na palavra leitura uma postura normativa, confinada nas formas tradicionais de texto corrente, em encadeamento temporal, composta por letras puras e imagens. Por leitura e texto entende-se um processo mais amplo que envolve não só o formato impresso, como também formas imagéticas, audiovisuais, híbridos criativos que auxiliam no processo de construção de uma nova linguagem para um aprendizado mais lúdico e prazeroso.

A importância desse estudo corrobora-se pela formação de novo público leitor e pela questão da mistura criativa de diversas mídias e da explosão das classificações dos gêneros e códigos previamente estabelecidos. Pretende-se apresentar a aplicação de algumas estratégias multimídia de aproximação da literatura com o mundo dos jovens, visando ao auxílio às formas tradicionais de educação como ferramenta para despertar o interesse e o

Propp e Bremond) ou o paradigmático (Greimas e Lévi-Strauss). Já o estudo moderno da narrativa começa com os formalistas russos, que posteriormente influenciarão o cinema russo (PARENTE, 2000, p. 51).

hábito de leitura, como uma perspectiva possível entre as muitas formas de construção do conhecimento.

Portanto é preciso realizar um levantamento de autores que vão além da classificação, como o processo de plurissignificação das palavras no campo da literatura, já apontado por Gilles Deleuze (1993), a dubiedade de interpretações, relatada por Michel Foucault (1966), ao descrever a polissemia de interpretação de uma enciclopédia em “As Palavras e as coisas”. As formas não-lineares de exposição do conteúdo nos livros também já eram descritas por Jorge Luís Borges (2008), em “O homem de Areia”, ou em “Jardins das veredas que se bifurcam”, também nas formas de constituição do “Palimpsesto”, de Gustave Genette (1982), no romance polifônico e carnavalesco de Bakhtin, e as maneiras de ler fora de ordem, como um baralho aleatório, reveladas pelo autor Nick Montfort (2003), em “*The New Media Reader*”. Lev Manovich (2008) é outro autor que abordou a perspectiva e visão de mistura de textualidades em um banco de dados, como informações de trechos de filmes de forma não-linear e disposição da informação em uma mistura do mosaico, semelhante ao da obra e arte de Mondrian, estética que se assemelha ao canal televisivo *Bloomberg*. Esses exemplos se assemelham à postura de alguns autores de reinterpretar o conceito de leitura e de suas práticas híbridas no cotidiano. O método utilizado de avaliar a transformação da leitura é por meio da análise da aplicação de uma oficina de leitura ampliada pelo audiovisual, por meio da produção e adaptação da linguagem do impresso para o *booktrailer*, também conhecido como de trailer de cinema adaptado para o livro.

O tema em questão propõe a revisão da dimensão instrumental da educação, na medida em que fazendo uso das mídias, do entorno difuso de informações e das linguagens dos saberes, acaba por buscar um ponto de vista de autores descentralizado dos polos anteriores sagrados que legitimavam e administravam as figuras sociais (a escola e o livro), e ainda organizam o sistema educativo vigente (BARBERO; REY, 2001, p. 59, 69).

Com abertura do mercado à interatividade, também ganham potencialidade diferentes maneiras de exposição do texto, que contam com a grande quantidade de informações disponibilizadas por fontes e mídias diversas. Hoje, é possível se pensar em dispositivos de armazenamento, difusão e circulação mais versáteis, os quais podem ser utilizados pela escola para também uma construção do conhecimento. O autor Muniz Sodré (2011) defende uma postura menos hierárquica do texto e da leitura, potencializada com a digitalização. Para ele, atualmente, o lugar para aprender passa a ser qualquer um: na empresa, escola,

Internet. O pesquisador corrobora com o pensamento de que hoje a educação deixa de se centralizar nos livros para se irradiar com palavras, audiovisual, sons, em diferentes suportes, ampliando o processo social.

O historiador Roger Chartier (2009), por sua vez, também acredita que o conceito de leitura atual esteja mais amplo. Para o autor, estão englobados no processo de leitura alterações de maneira mais acelerada e diversificada. Há uma plasticidade do texto que acolhe telas de escrita, imagens, fixas ou móveis, sons, palavras, músicas, além de um aspecto afetivo, sensorial, e das formas de atenção e reação, despertadas segundo hábitos socioculturais. É o que apostam Martín-Barbero e Germán Rey (2001), ao falarem da tecnicidade e visualidade na cultura contemporânea, caracterizadas por “novos modos de perceber, ver, ouvir, ler, aprender novas linguagens, novas formas de expressão, de textualidade e escritura” (p. 13-14).

Assim, a hipótese desse artigo é que o conceito de leitura deve ser pensado numa perspectiva mais ampla, de explosão de gêneros e formatos, de modo a reconfigurar-se em novas mídias criativas, num misto de diversas referências, que podem, mas não necessariamente, determinam a forma de despertar o interesse à leitura.

Pretende-se analisar o conceito de leitura e formas de textualidade narrativa, assim como as vozes de produção do discurso e retomar o conceito dos “atos de leitura” do autor Paul Ricouer (2001), envolvidos num processo que perpassa a fonte emissora, a representação produtiva e a recepção.

Mais especificamente, o objetivo deste artigo é apresentar a produção *booktrailer*, por meio do resultado de uma oficina aplicada no segundo semestre de 2013. A oficina funcionou como estratégia de coleta metodológica de aplicação de novas formas de leitura na cultura contemporânea, que envolvessem o jovem pela leitura ampliada pelo audiovisual, pela presença de uma linguagem mais próxima de seu cotidiano.

O produto *booktrailer* é um dos objetos de leitura ampliada abordados na tese da pesquisadora e o método prático da confecção de trailers de livros teve como pretensão ocasionar um maior envolvimento dos alunos com as obras, por meio de sua visão cultural e de sua interpretação no processo de produção, de forma a explicar sua aproximação com o conceito de ‘atos de leitura’ de Ricouer. A produção de *booktrailer* foi composta pela linguagem de diferentes meios de comunicação previamente já adquiridos na formação cultural do público analisado, além do referencial multimidiático do jovem.

Para isso, para se entender o objetivo da oficina, primeiro será apresentado o caminho seguido pelo autor Ricouer, na busca de pontuar alguns dos processos envolvidos no “ato de leitura”, que, segundo o autor, estão presentes por trás do hábito de ler. Ainda que existam outros caminhos de análise, para a referência teórica desse artigo, optou-se por adotar a visão do teórico, como uma das maneiras de destrinchar a decodificação do texto pelo jovem nas formas de emissão, representação e recepção da mensagem, por meio de suas referências e interpretações realizadas na adaptação das obras.

2. Os atos de leitura e interpretações

O processo de leitura pode ser lido de diversas maneiras e linhas teóricas. Para esse artigo, interessa destacar a forma convencional estabelecida entre o autor e o leitor, na leitura de Ricouer, como forma a auxiliar o receptor na decodificação e interpretação da mensagem original.

Para o autor, diversas são as possibilidades de leituras, distribuídas em diferentes camadas de conhecimento. Os gestos codificados contribuem para compreendermos o mundo pela língua, identidade, experiência, história, memória, escritas.

Para compreender como a leitura ampliada pode ser construída por meio de imagens, do audiovisual, da sonoplastia do *booktrailer*, em um referencial cultural intrínseco ao jovem, as instâncias da leitura presentes na teoria de Paul Ricoeur podem auxiliar em uma entre as possíveis interpretações. Não quer se queira adotar a postura do autor como a verdadeira, mas retomar o viés dos atos de leitura de Ricouer significa estabelecer um possível diálogo com a leitura ampliada pelo audiovisual na contemporaneidade. O autor esclarece que os signos, regras e normas são espécies de

paradigmas recebidos [culturalmente] que estruturam as expectativas do leitor e que o ajudam a reconhecer a regra formal [numa leitura], o gênero [do filme ou livro] ou tipo exemplificado pela história narrada. Ou seja, são elementos que fornecem diretrizes para o encontro entre o texto e o seu leitor (RICOEUR, 1995, p. 117).

A leitura é explicada pela visão do autor como a transição entre a pré-figuração do mundo, a configuração do texto e sua refiguração. Ou seja, a interseção entre o mundo, o texto e o leitor ocorre não num processo sequencial, mas circular. No texto “Tempo e Narrativa: a tríplice mimese”, Ricouer enfatiza três momentos como constituintes do processo ou “ato de leitura” que ligam o autor ao leitor, num círculo hermenêutico da leitura, simultânea, no jogo complexo narrativo entre o autor e o leitor, num gesto mimético de interpretação da realidade. O autor nomeia de Mimese I, II e III o conjunto dos

acontecimentos, na tentativa de dar ordem ao mundo pelo tempo da narrativa e pelas leituras que animam o texto, interpretações e que, de forma indireta, envolvem a questão do gosto pela leitura.

A Mímeses I é o mundo pré-figurado, espaço do “agir”. Nela estão presentes os criadores/produtores da imagem (jornalista, escritor, roteirista), são os sujeitos que apreendem o mundo pela vivência na realidade, o que no caso da produção do book trailers seriam os roteiros dos *booktrailers* produzido pelos próprios alunos por sua interpretação da obra literária original para uma adaptação da linguagem impressa para o audiovisual. Já a Mímeses II é o mundo configurado, o “como se”, o texto como representação da coisa do mundo (seja por meio de um filme, fotografia, peça, notícia), o que, no caso seria o produto *booktrailer* propriamente dito, pela presença de ícones e referenciais do universo cultural do jovem e que tornam o produto um trailer de livro. Ou seja, é o produto, objeto representado de um olhar de parte dessa realidade transformada. E a Mímeses III é a refiguração, a leitura pela maneira que o leitor olha para o objeto representado, o que pode ser visto como o aluno se sente na recepção desse produto feito por ele mesmo.

Esse percurso de produção em relação contínua, móvel, fluida e em construção constante pode ser utilizado para a interpretação de uma obra textual, mesmo que envolva imagem, audiovisual, no processo de leitura ampliada.

Mas é necessário destacar que, mesmo conhecendo códigos estabelecidos, regras – como classificação de gênero de filmes, estilo literário, entre outros –, ainda assim o leitor pode identificar na narrativa diversos pontos de vista diferentes, misturar na composição imagética elementos do seu referencial cultural, assim como destacar elementos de sua interpretação dos personagens, do narrador ou do discurso por trás da imagem do autor, numa percepção externa. Assim, visando a analisar esse processo e os atos de leitura que trabalham entre o jogo de inovação criativa e de sedimentação dos paradigmas na produção do texto e da leitura geral, que normalmente identifica o ponto de vista mais acentuado que o autor deseja passar para os personagens e narrador, também é possível no ato de leitura que o destinatário efetue desvios na interpretação, já que este revela lacunas que somente o leitor pode reconfigurar.

.Norman Fairclough (2001) acredita que por trás de um esteja presente a questão do pensamento político social, nas práticas discursivas. Para Fairclough, os modos de ação sobre o mundo podem ser representados no texto, moldados pela estrutura e práticas sociais, através de convenções e normas por classe, pelas relações sociais, dependendo do ambiente

institucional e do posicionamento diferenciado do sujeito, ou por sistemas de conhecimento e crenças. Analogamente, talvez por isso o discurso da escola numa linguagem formal, tradicional, que impõe certa hierarquia, esteja distante da realidade dos jovens alunos, como maneira de manter esse distanciamento e para não haver diálogo nas relações sociais.

Neste sentido, Roland Barthes (2004) defende que a função primordial de um texto é conectar o autor com o leitor, de forma que os dois possam coexistir dentro do seu contexto. Para isso o texto necessita ter emoções, pois a sua falta afasta, automaticamente, o leitor do livro ou “textualidade”, algo que pode ser observado nos baixos índices de leitura do brasileiro, principalmente em fase escolar, se considerarmos as regiões de norte e nordeste do país. Segundo Barthes, o prazer da leitura e a fruição envolvem diversos tipos de situação, de acordo com o gosto e sensibilidade do leitor. Afirma que há dois regimes de leitura do texto: o do prazer, em que se ignora os jogos da linguagem, em que o prazer é eufórico, por fugir ou reiterar a consistência dos gostos, valores e lembranças; o outro, o da fruição, não deixa passar nada e vem da cultura, não rompe com ela, em hábito confortável de leitura (BARTHES, 2004). Assim persistem formas de leituras variadas, seja por prazer ou por obrigação, por descobrimento, o que afeta a relação de recepção do leitor. Talvez por isso a aproximação do jovem da leitura por meio de um produto híbrido audiovisual que está próximo de seu universo cultural possa ocorrer de maneira lúdica e despretensiosa, diferente das instâncias do ensino e da leitura tradicional das escolas.

Ricoeur também acredita que o texto só se torna obra na interação com o receptor. Para se completar a teoria da escrita com a leitura, segundo Ricoeur, a referência do leitor é requerida para interpretar a narrativa, na interseção de suas vivências, pautadas no que os Estudos Culturais destacam (as mediações e relações simbólicas culturais passadas pela família, escola, religião, governo). Dessa maneira, o leitor de uma cultura específica, por mais que tenha a noção do todo da diversidade cultural, levará em consideração a influência e tradição de sua comunidade, ou seja, sua leitura (decodificação) pressupõe um *background* de suas referências pessoais, formas de expressão de seu grupo de pertença o que interferirá na leitura e interpretação das mensagens, seja por meio da interpretação dos discursos ou por redescrições da forma tradicional em um diálogo aberto.

Por isso, buscar formas de leitura ampliada e audiovisuais faz sentido, não como única alternativa ou fórmula fixa, mas como uma entre outras possibilidades para despertar a curiosidade da leitura, no sentido buscar alguma conexão com o jovem, por meio de

dispositivos próximos ao seu referencial cultural. Assim, é válido analisar os recursos multimídia como uma entre as várias estratégias à educação formal.

3. Crise da educação tradicional e estratégias multimídia de aprendizado

Na educação tradicional, a escrita do livro impresso se apresenta como o suporte físico do conhecimento. Os padrões da escrita, enquanto textualidade, parecem dominar um modelo de transmissão do pensamento, em um conjunto de dados arrumados, típicos de um mundo moderno, no qual há uma ideologia de que a informação é adquirida pelo processo de escolarização, via instituições tradicionalmente hegemônicas de poder, como Igreja, Estado ou pelas leis e sanções.

A revolução cultural trazida pela imprensa instaurou um mundo de separação, de gradação e segregação das etapas da aprendizagem, em que há uma correspondência da linearidade do texto escrito sucessivo, linear, com o desenvolvimento escolar, ou seja, o avanço intelectual caminha com o progresso na leitura. Essa pedagogia e o rendimento escolar são medidos pela transmissão de conteúdos memorizáveis, por idade e pacotes de informação aprendidos, num modelo mecânico, unidirecional de leitura, em que não muita coisa fica retida. Para Barbero e Rey, “a leitura do aluno no formato tradicional é puro eco da do professor e a autonomia do leitor depende de uma transformação das relações sociais que sobredeterminam sua relação com os textos” (2001, p. 57).

McLuhan (1964) também descreve a passagem da visão de mundo da oralidade (retórica grega) para a cultura impressa, marcada pela invenção da prensa tipográfica, destacando a importância da visualidade dos textos, pinturas, cinema, a hegemonia da imagem. Posteriormente, ele pondera que, com o mundo retribalizado, a força da cultura eletrônica do rádio e da TV interfere no dia a dia das pessoas. Se ao longo da história as transformações foram das mais diversas, atualmente, com o contexto da digitalização e tecnologias da comunicação, o estímulo à quantidade de informações é maior e a recepção parece estar fragmentada. As novas mídias potencializam o hibridismo dos meios, promovem um maior fluxo de conteúdos e a recombinação de linguagens na indústria midiática. Entretanto, por outro lado, parece persistir no pensamento o valor de uma cultura tipográfica, numa espécie de hegemonia da imagem e do impresso, seja nas reflexões acerca do cinema e do audiovisual, em comparação com os estudos do som, ou na relação do textual enquanto imagem nas instâncias da educação.

Hoje, entretanto, no país ainda é expressivo o índice de não leitores. Soma-se a isso o pensamento de alguns autores de que, por vezes, o método do ensino tradicional está defasado, em relação aos novos estímulos sensoriais que foram embutidos no cotidiano do jovem (a exemplo, as telas de tecnologia *touch*, recursos sonoros, audiovisuais e a linguagem de aplicativos de computadores). É importante colocar que não se quer adotar uma postura determinista em relação à leitura, que desconsidere as formas antigas que são válidas em uma leitura densa e importantes na formação do raciocínio abstrato e por desafio do texto. Mas o objetivo é buscar um ponto de vista de diálogo entre as diversas formas fragmentadas de leitura na contemporaneidade, que possibilitam experiências diversas em momentos diferentes.

A educação tradicional neste sentido perde para mídias mais atrativas. Os dados da pesquisa do Ibope Inteligência de 2008, apresentados no “Retrato de Leitura do Brasil”, revelam que, mesmo em grandes capitais e com um público jovem de classe média, a educação oferecida não consegue criar um hábito de leitura para além da obrigação escolar, o que resulta no fato de a maior parcela dos 77 milhões de não-leitores no Brasil estar entre os adultos, representando 45% desse grupo. Um dos maiores problemas é o analfabetismo funcional, ou seja, o indivíduo que aprende a decodificação literal de textos escritos na escola, mas não possui a capacidade de compreender e utilizar textos na vida pessoal/profissional, para seu próprio desenvolvimento e da sociedade.

A aposta dessa pesquisa converge com a linha de psicólogos e educadores que explica que um dos fatores de os brasileiros não gostarem de ler é um problema que vem desde a escola, no processo de aprendizagem e na forma de alfabetização, em que, muitas das vezes, a leitura é obrigatória e não prazerosa.

A psicóloga e professora titular do Departamento de Educação da PUC-Rio, Maria Aparecida Campos Mamede-Neves, nos esclarece melhor sobre a perda e o reestabelecimento do prazer no aprendizado da leitura. Ler e ouvir histórias, assim como a atividade gráfica, características fundamentais da leitura, encantam a todos os homens desde bem cedo, diz ela. Então por que deixamos de nos interessar por tais atividades, quando ingressamos na escola?

A autora explica que, na primeira infância, a criança obtém grande prazer nas atividades de rabiscar, fingir que lê, e criar modos de representação diversos. Esse encanto começa a ser suprimido nos anos de alfabetização, quando o que antes era um aprendizado

lúdico e contextualizado na experiência diária, torna-se uma obrigação de aprender e aprender de um jeito imposto e sem sentido para a vivência individual:

Apartada das atividades que lhe interessavam, a criança, por consequência, vai atribuir um significado severo às questões ligadas à leitura e à escrita. Na medida em que a alfabetização, na sua óptica, é a grande responsável por esta segregação que os adultos lhe impõem, ela passa progressivamente a ter um vínculo fortemente negativo com essa prática (MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos, 2010. Disponível em: www.bn.br/proler/imagens/pdf/encantoneves.doc. Acesso em: 10 jun. 2013).

Constata que muitas crianças e adolescentes divertem-se utilizando a ferramenta da leitura em plataformas multimídia, navegando na Internet, jogando *games* ou batendo papo *online*. Isso demonstra que, se estabelecida em um nível fora do ensino tradicional, “rompeu com os prazeres da infância”. Mas a leitura pode revelar-se atraente para qualquer um, inclusive para crianças e adolescentes, se utilizados referências próprias de seu mundo.

Portanto, parece haver uma reorganização do mundo das linguagens e das escritas, por uma transformação nos modos de ler, deixando a identificação da leitura tradicional, referente a somente livros impressos, sem apoio. O que ganha forma é uma heterogeneidade de textos, sendo texto um conceito mais amplo que inclui relatos, escrituras (envolve oralidade, visualidade, musicais, audiovisuais, telemática).

Os pesquisadores Martín-Barbero e Germán Rey já apontam as necessidades de novas pesquisas sobre o tema:

Que atenção estão prestando as escolas, e inclusive as faculdades de educação, às modificações profundas na percepção do espaço e do tempo vividas pelos adolescentes, inseridos em [...] fluxo incessante e embriagador de informações e imagens? O que significa aprender e saber no tempo da sociedade informacional? Que deslocamentos cognitivos e institucionais estão exigindo os novos dispositivos de produção e apropriação do conhecimento a partir da interface que enlaça as telas domésticas da televisão com as laborais do computador e as lúdicas dos videogames? Está a educação se encarregando dessas indagações? (BARBERO; REY, 2001, p. 58)

Inspirando-se nessa visão da educação, esse artigo analisa os resultados de uma oficina de produção de *booktrailer*, composta por ferramentas multimídia, como forma de composição de uma forma de leitura próxima ao universo do jovem. Alcançar as crianças, em um ambiente já conhecido como próprio de sua linguagem e que, ao mesmo tempo, os divertem com foco educacional, restaurando o fator lúdico no aprendizado é o objetivo.

4. A visão do *booktrailer* por alunos da rede de ensino particular

Como forma de registro da produção de novas formas de leitura na cultura contemporânea, o que se relata é a oficina proposta aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação do Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), um colégio particular da cidade de Barra Mansa, RJ. A razão da escolha do colégio e da região ocorreu em função de ser o ambiente de trabalho da professora pesquisadora e em função de aplicar o objeto de tese, buscando provocar o envolvimento do público pela prática. A oficina era gratuita, separada das atividades obrigatórias, em horário fora da carga horária da sala de aula.

A realização teve como objetivo a aplicação do objeto de tese da pesquisadora, para verificar se o processo de produção dos *booktrailers* ajudaria os alunos e se interessarem, de maneira mais lúdica, pelo universo da leitura. Assim como o mercado dos *best sellers* e livros de aventura fazem com que livros de mais de 500 páginas sejam lidos e relidos por jovens, somente por apresentarem temáticas interessantes a seu universo, os *booktrailers* por apresentarem uma linguagem mais próxima ao filme e aos videoclipes também poderiam ser um fator de atração do leitor para a obra original.

A faixa etária de alunos de 14, 15 anos foi selecionada para atingir um público adolescente para o consumo de livros, habituados com o audiovisual e com a estética do áudio. Estratégias estas para despertar a atenção e curiosidade para a leitura, através do audiovisual, em específico pela linguagem do trailer, recursos de trilha sonora, elementos de sonoplastia, de forma irreverente, mais próxima do mundo do jovem e da linguagem da montagem rápida, de maneira mais descolada.

A oficina contou com o auxílio de produção de uma turma de 24 alunos do curso de Jornalismo, que, no segundo semestre de 2013, cursava o 6º período do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), por meio da disciplina de Edição, com foco, no período corrente, na produção de trailers de livros. O objetivo da participação dos alunos da graduação era o fato de já estarem acostumados com a estética do audiovisual, por meio da realização de roteiros, por dominarem a linguagem dos enquadramentos de câmera, cenário de gravação, produção e edição. Ao final, a oficina contou com a participação de quatro alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e dois do 1º ano do Ensino Médio, além dos alunos da turma de jornalismo.

Por não estar associado a uma atividade de uma disciplina específica da escola e que valesse nota, poucos alunos do colégio participaram. Mas os que se interessaram tinham

alguma ligação com a academia e com as artes. Uma aluna fazia teatro, outros dois alunos, meses após a oficina, entraram no curso de teatro, no ano seguinte. Uma aluna era filha de professor de informática. Esses perfis foram facilitadores do processo de produção das obras, por já fazerem parte de diferentes atos de leitura e processos de interpretação da mensagem e do discurso narrativo, envolvendo outras mídias.

Como forma de trabalho, foi utilizado o método instrucional para ensinar passo a passo a produção dos *livroclipes*, composta por quatro etapas, explicadas pela professora. Os alunos participaram durante quatro meses da execução de *booktrailers* e da confecção: primeiro o produto foi apresentado ao grupo em diferentes formas de representação estética presentes no mercado. Depois aplicado um questionário, abordagem das origens desse produto e suas principais técnicas. Posteriormente, ocorreu um momento de roda de leitura, para escolha livre do conto a ser adaptado (após a escolha de um conto ou poema da preferência dos alunos, cenas eram selecionadas para a adaptação para o trailer).

No roteiro, os alunos faziam: 1) um grande resumo da obra em poucas palavras, 2) selecionavam falas e diálogos dos personagens principais que entrariam na tela, 3) resumiam as palavras-chave e 4) utilizavam a linguagem publicitária. Esses elementos eram adaptados para a linguagem do audiovisual e para recursos sonoros, de trilha sonora, e letreiros que entravam escritos na tela.

No total foram produzidos oito *booktrailers*, que foram exibidos na “Mostra de Livroclipes”, como evento componente da “Semana de Comunicação” do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Barra Mansa (UBM) que ocorreu em novembro de 2013. Os produtos estão disponíveis no YouTube, pelo endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=mPUMIOL9vDM>.

Os títulos produzidos, exclusivamente, por alunos do colégio foram três: o poema “Pasárgada”, de Manuel Bandeira, realizado por duas alunas do Ensino Fundamental, uma adaptação que utilizou a metáfora das manifestações das “Jornadas de Junho de 2013”, como mote para trabalhar com o contraste entre o mundo real das manifestações e o mundo mágico de Pasárgada. Vídeos das manifestações foram captados dos registros de câmeras realizados por pessoas que os postaram no YouTube. Como imagens de representação de Pasárgada, os alunos utilizaram imagens do domínio público do Google, de florestas, belas paisagens, além de utilizarem a referência do universo próprio cultural dos jovens, como imagens do rei do seriado norte-americano *Game of Thrones*. Como recursos de sonoplastia, a trilha sonora de música clássica, contrastava com os gritos da população

contra o Estado do RJ: “Fora Cabral!” e trilha de suspense, colocadas na tela com imagens de pobreza e fome. A professora não interferiu no processo criativo da adaptação. Só foram dados os elementos do trailer que deveriam estar presentes na adaptação de etapas do trailer como os descritos acima, mas a metáfora para a redação do roteiro, escolhas da produção, tudo foi exclusivamente realizado pelos alunos. A edição foi realizada por alunos e operada pelo funcionário responsável pelo Laboratório de Multimeios do UBM.

Outro *booktrailer* produzido pelos alunos do colégio foi o conto de Rubem Fonseca, “Passeio Noturno”, este já em parceria com um grupo de alunos da graduação. O roteiro foi escrito somente por três alunos do Ensino Médio, as fotos separadas e a produção e gravação realizada por alunos da graduação de Jornalismo. A equipe da graduação utilizou a linguagem do *stop motion* e recortes de jornal e *flashback* para a construção das cenas do conto, assim como trilha sonora da novela das oito da época “Amor à Vida”, da Rede Globo, e trilha sonora de suspense, para dar dramaticidade ao conto de morte e assassinato realizado por um personagem psicopata, pai de família. Nota-se, nesse caso, que a linguagem do audiovisual e os recursos de câmera fizeram diferença na produção estética, mais próxima do referencial do curso de Comunicação.

E, por fim, o último *booktrailer* produzido em parceria dos alunos do colégio com a graduação foi o da história das “Mil e Uma noites”, que dá destaque à Sherazade. O roteiro foi elaborado por dois alunos do Ensino Fundamental, com imagens e sons já separados para a adaptação. O áudio foi gravado por uma aluna do colégio. Posteriormente, a produção e edição foram realizadas pelos alunos da graduação. A música de fundo também foi utilizada da trilha sonora da novela “Caminho das Índias”, da Rede Globo.

Analogamente, pode-se dizer que o “ato de leitura” e a interpretação dos contos passam pelo foco do referencial cultural para a representação do texto, o que determina a escolha de áudio, imagens, trilha sonora, e influencia na seleção das falas mais importantes dos personagens e, até mesmo, a escolha da tipografia dos letreiros que entrarão na tela. Todos esses elementos, que fazem parte das três mímeses de Ricouer (1995), seja pelo ponto de vista do produtor, do interpretante e da releitura realizada na adaptação, são colocados em jogo circularmente na ação do sujeito, sem uma ordem pré-estabelecida.

Os outros cinco *booktrailers* foram realizados somente pelos alunos do 6º período de Jornalismo do UBM. Os autores escolhidos foram de ordem diversa, incluindo autores locais com temas adultos, como a produção de “A Guitarra e o Violoncelo”; poemas de escritores estrangeiros, como o *booktrailer* do boêmio escritor “Charles Bukowski”; ou de

clássicos da literatura brasileira, como “Cartas de um defunto Rico- Lima Barreto” e “Uma Galinha, de Clarice Lispector”; ou a influência dos *best sellers* norte-americanos de aventura, como no *booktrailer* produzido “O coração Peludo do Mago”, um capítulo da série “Contos de Beedle o Bardo”, da mesma autora de Harry Potter, J. K. Rowling.

Nessas adaptações, nota-se um maior domínio, por parte dos alunos de comunicação, dos recursos de audiovisual e do letreiro na tela. Além disso, são muitas as possibilidades aprendidas para a criação no processo de edição, com planos mais artísticos, usos de letras que crescem na tela em tipografias diferentes, outras que se assemelham a máquinas de escrever, recursos estes típicos de quem possui o domínio da linguagem televisiva e dos programas de edição, como o *After Effects*.

Esse tipo de conhecimento não seria possível aos alunos do colégio, que ainda não tiveram o contato com os recursos de edição de vídeo e enquadramentos. Apesar de o objetivo inicial ser abrir espaço para a produção a partir do olhar da cultura local, para além do letramento hierárquico tradicional, somente um grupo escolheu um autor local, sendo as demais produções com influências do meio televisivo brasileiro e da cultura das novelas, influência de seriados norte-americanos, de *best sellers*, ou até mesmo da cultura letrada tradicional pela literatura de Lima Barreto e Clarice Lispector (os alunos não conheciam as obras dos escritores brasileiros antes de realizarem o roteiro de adaptação).

Após a produção e edição dos livroclipes, o editor de vídeo do Laboratório de Múltiplos Meios do UBM se sentiu motivado por dois *booktrailers* a conhecer as obras dos autores e, em relato após seis meses de realização da oficina, afirmou ter lido a obra do autor Charles Bukowski, “Misto Quente” pelo interesse promovido pela estética e interpretação do audiovisual.

6. Considerações Finais

O estudo de caso desse artigo e outros exemplos relatados no campo da educação, novas mídias e entretenimento objetivaram realizar uma amostragem em estratégias para despertar um aprendizado com base na vivência do aluno. Para além dos processos tradicionais de ensino sem atrativos, os recursos multimídia não medem esforços para uma tentativa de um aprendizado mais lúdico, porém com maior retenção do conteúdo, numa aposta híbrida de leitura, que envolve processamentos multitarefa do usuário, além de uma leitura “ampliada” que dê conta dos diversos sentidos requeridos.

A proposta dessa pesquisa segue a linha de pensamento de Beatriz Sarlo, no sentido de o livro persistir como chave primeira da alfabetização formal. Porém é válido abrir os olhos para outras diferentes escrituras, em conformidade com o audiovisual:

Estamos diante de uma mudança nos protocolos e processos de leitura que não significa somente a mudança de um modo de ler para outro, senão a articulação complexa de um e outro, da leitura de textos e hipertextos, da dupla inserção de uns em outros, com o que isso implica de continuidades e rupturas, de reconfiguração da leitura como conjunto de modos muito diversos de navegar pelos textos” (SARLO, 1998, p. 65,77).

Por isso a importância das escolas utilizarem criativamente as mídias audiovisuais e as tecnologias informáticas, que tornem possível diálogo entre o modo linear e o plural, esses não em dissonância, mas colocados em conjunto. Reorganizar os saberes e adequá-los às modificações cognitivas, pelas diferentes formas de interpretação e apropriação das mensagens televisivas, é um dos caminhos como o apontado por Barbero e Rey (2001).

7. Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**: a teoria e o romance. São Paulo: Unesp, 1997.
- BARBERO, Jesús Martín; REY, Germán. **Os Exercícios do Ver**. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: --- et al. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p.19-62.
- BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel; O Jardim das veredas que se bifurcam. In:---**Ficções** (1944). Trad. Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Antônio Ramos Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**: la littérature au second degree. Paris: 1982. (Collection Poétique Editions du Seuil).
- PARENTE, André. **Narrativa e modernidade**: os cinemas não-narrativos do pós-guerra. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. Pref. Raymond Bellour. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000. (Coleção Campo Imagético).
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994.
- _____. **Tempo e narrativa**. v. 2. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- Sites consultados:**
- PNAD/ Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Realizada pelo IBGE, em 2009. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf. Acesso em 19 nov.2010.
- RETRATO DA LEITURA DO BRASIL. Instituto Pró-Livro. Coord. Observatório do livro e da Leitura. Execução: Ibope Inteligência, 2007/2008.
- MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. O (re)encanto de ler e ouvir histórias, 2010. Disponível em: <[www.bn.br/proler/imagens/pdf/encant ministrado no 1º. Sem. 2011oneves.doc](http://www.bn.br/proler/imagens/pdf/encant_ministrado_no_1º_Sem_2011oneves.doc)> Acesso em: 10 jun 2013.